

A Guerra na Síria e a luta pela unidade territorial

Ana Karolina Morais da Silva¹

Renan Silvestro Alencar Silva²

Resumo

O presente artigo visa analisar como a guerra na Síria e a fragmentação territorial decorrente do conflito estão fundamentados na estratégia ocidental de balcanização da Síria e pela geoestratégia de contenção estadunidense, bem como questionar o alegado caráter “civil” do conflito em questão e investigar a evolução da fragmentação do território sírio e o conseqüente processo de recuperação de territórios por parte do governo central de Assad.

Palavras-chave: Síria; Geoestratégia de Contenção; Fragmentação Territorial; Balcanização.

La guerra en Siria y la lucha por la unidad territorial

Resumen

El presente artículo pretende analizar cómo la guerra en Siria y la fragmentación territorial derivada del conflicto están fundamentados por la estrategia occidental de balcanización de Siria y la geoestrategia de contención estadounidense, así como cuestionar el carácter "civil" del conflicto en cuestión e investigar la evolución de la situación de la fragmentación del territorio sirio y el consiguiente proceso de desfragmentación del mismo, que se da a través de la recuperación de territorios por parte del gobierno Assad.

Palabras-clave: Siria; Fragmentación Territorial; Balcanización.

Introdução

A Síria é um país cujas fronteiras foram artificialmente traçadas de acordo com os interesses ocidentais (especialmente, franceses e britânicos) após a Primeira Guerra Mundial, e enfrenta há mais de seis anos um conflito travado entre diversas forças internas e externas, que em última instância pretendem levar à fragmentação do território sírio. Essa fragmentação se atrela à estratégia de balcanização perpetrada pelo Ocidente, já observada em outros períodos históricos e em outros territórios, estratégia que desqualifica a tentativa das potências ocidentais e de seus meios de comunicação de caracterizar o conflito como uma guerra civil.

¹ Graduanda em Relações Internacionais e Integração pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana – UNILA, e-mail: <ana.karolina_morais@hotmail.com>.

² Graduando em Bacharelado em Geografia pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana – UNILA, e-mail: <char-aznable@outlook.com>.

Apesar do avanço do sectarismo na direção da fragmentação ser considerado um desfecho inevitável da guerra por uma importante parcela dos intelectuais e da mídia ocidental, nos últimos meses a fragmentação síria vem sendo remediada pela recuperação de amplas porções do território que estavam sob controle da oposição ao governo Assad. Apesar das prospecções pessimistas, o poder central de Damasco gradativamente retoma o controle do território sírio.

Território e poder

Nicholas John Spykman, geógrafo holandês naturalizado estadunidense, propôs ao fim da Segunda Guerra Mundial uma teoria geopolítica denominada "Teoria do *Rimland*" ou "Teoria das Fímbrias" que, inspirada na "Teoria do *Heartland*" de H. Mackinder, preconizava que o megacontinente geopolítico da Eurásia deveria ser o cerne da geoestratégia de contenção estadunidense devido à capacidade de projeção de poder que uma potência externa adquiriria caso controlasse essa região. Pautado por este princípio básico, Spykman desenvolveu uma "Geoestratégia da Contenção", que se baseia na ocupação do *Rimland* eurasiático, que geograficamente compreende as áreas marginais da Europa, do Oriente Médio, do subcontinente indiano e do Extremo Oriente, "a área de contato entre o litoral da Eurásia e o cordão de mares marginais que a cercam" (TOSTA, 1984, p.79).

Uma vez ocupado o "Rimland" (fímbrias), não seria possível a expansão para a "Ilha do Mundo", por parte de quem ocupasse o "Coração da Terra" (Heartland). Conseqüentemente, não teria acesso ao resto do mundo, ou seja, o "Crescente Exterior ou Insular". Baseado nessa teoria, após a ocupação do "Coração da Terra" pela URSS, o mundo ocidental passou a ocupar as "Fímbrias", com o objetivo de impedir a expansão do comunismo para o restante do globo. (BONFIM, 2005, p.72).

A disputa pelo controle do *Rimland* constituiu durante toda a Guerra Fria a disputa entre EUA e URSS e, atualmente, constitui a disputa de poder entre EUA, Rússia e China. Durante a Guerra Fria essa "Geoestratégia da Contenção" se materializou através de acordos e tratados entre os Estados Unidos e países do Rimland, da seguinte forma:

[...]com a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), ocupou as "fímbrias" do oeste europeu; com a Organização do Tratado do Centro (OTCEN), ocupou as "fímbrias" do centro-sul da Eurásia, com base no Irã; com a Organização do Tratado do Sudeste da Ásia (OTASE), ocupou o oeste da Ásia, com base no Japão. Assim se presencia a aplicação efetiva dessa teoria geopolítica pelo mundo ocidental, criada em antagonismo à utilizada pela URSS. (BONFIM, 2005, p.72).

Cada um desses acordos visavam vedar o acesso russo às saídas marítimas: o oceano Atlântico estava vedado pela OTAN, o Golfo Pérsico e o oceano Índico vedados pela OTCEN e o oceano Pacífico vedado pela OTASE (MELLO, 1999, p.132). A "Geoestratégia da Contenção" passou a ser relegada quando foi iniciada a desativação da OTCEN por parte do Irã, e da OTASE com a queda do Vietnã (BONFIM, 2005), ficando adormecida por um pequeno lapso temporal entre o final da Guerra Fria e o início da Guerra ao Terror nos anos 2000, caracterizando uma política estadunidense de legitimação da interferência em qualquer parte do globo. Essa interferência americana encontrava justificativa na luta contra o comunismo, durante a Guerra Fria, e posteriormente na necessidade da contenção do terror, que na prática significou a deposição de governos questionadores da intervenção estadunidense no Oriente Médio.

A intervenção estadunidense na Líbia e a Guerra na Síria se enquadram nessa "Geoestratégia de Contenção", definida enquanto "uma participação direta americana no equilíbrio de poder eurasiático para manter divididas e neutralizadas as forças político-militares da Europa e do Extremo Oriente" (MELLO, 1999, p.118). É uma estratégia que se baseia em impedir que outros países disponham de recursos excedentes que possam colocar em perigo a segurança e os interesses estratégicos dos Estados Unidos, ao mesmo tempo que o excedente de poder estadunidense é aumentado ou preservado (RODRIGUES, 2017). Para tal feito, a política externa estadunidense visa a instabilidade de determinados territórios, utilizando-se da política de balcanização como um método para neutralizar o poder de Estados rivais.

A estratégia ocidental de balcanização

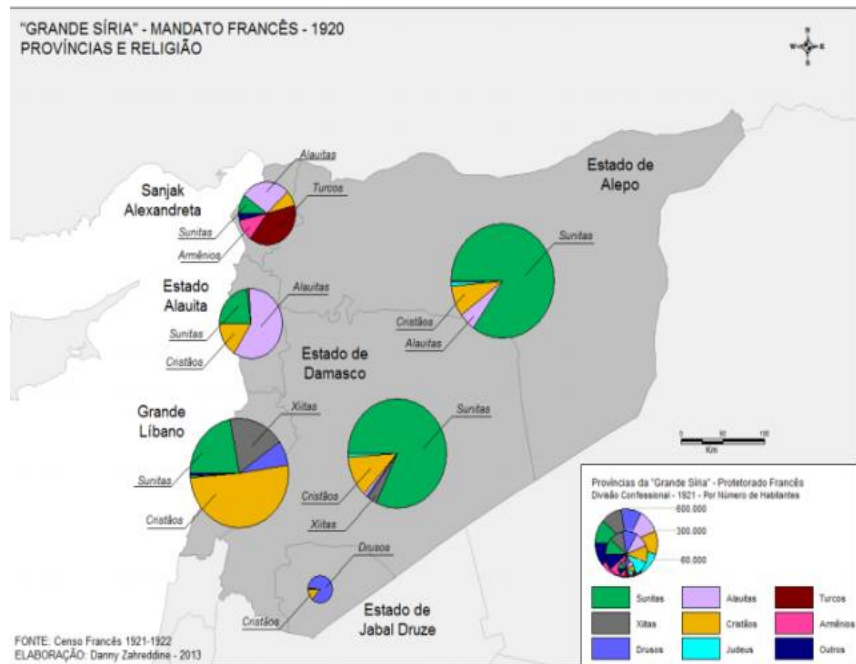
Após a Primeira Guerra Mundial, os acordos secretos de Sykes-Picot entre Reino Unido e França traíram a promessa feita durante a guerra de criação de um Estado Árabe unificado, e os territórios do Oriente Médio foram divididos artificialmente em zonas de influência britânicas e francesas. Durante o mandato francês da Síria e do Líbano (1920), o ideal da “Grande Síria” como uma região que ocupasse basicamente o Crescente Fértil e possuísse unidade política influenciou partidos nacionalistas do Oriente Médio. Àquela época, a “Grande Síria” compreendia os territórios do Líbano, da Síria e da província turca de Hatay.

A estratégia de “dividir para governar” ou balcanização passou a ser empunhada pelo Ocidente na Síria desde o mandato francês, uma vez que a França pretendia enfraquecer movimentos nacionalistas que ameaçassem seu domínio neocolonial na região. O território sírio foi então dividido a partir de um censo demográfico elaborado em 1921 pelo governo francês, utilizado para criar diversas unidades políticas, étnicas e religiosas de modo a impedir o fortalecimento da identidade nacional síria (CLEVELAND, 2009, p.219).

Assim, entre 1920 e 1923 a França dividiu a Síria em seis Estados, visando a possibilidade de que estes viessem a se tornar repúblicas independentes conforme a conveniência do Ocidente, sendo: o Estado de Aleppo, o Estado de Damasco, o Estado de JabalDruze, o Estado Alauita, a Província de Alexandreta (Hatay) e o “Grande Líbano”. Os limites territoriais da Síria sob mandato francês possuem um elemento étnico/religioso importante: duas províncias eram de maioria Sunita (Estado de Aleppo e Estado de Damasco), uma de maioria Drusa (Estado de JabalDruze), uma de maioria Cristã (Grande Líbano), um Estado de maioria Alauita (Estado Alauita) e uma província autônoma de maioria Turca, a Província de Alexandreta (CLEVELAND, 2009, p.221- 222).

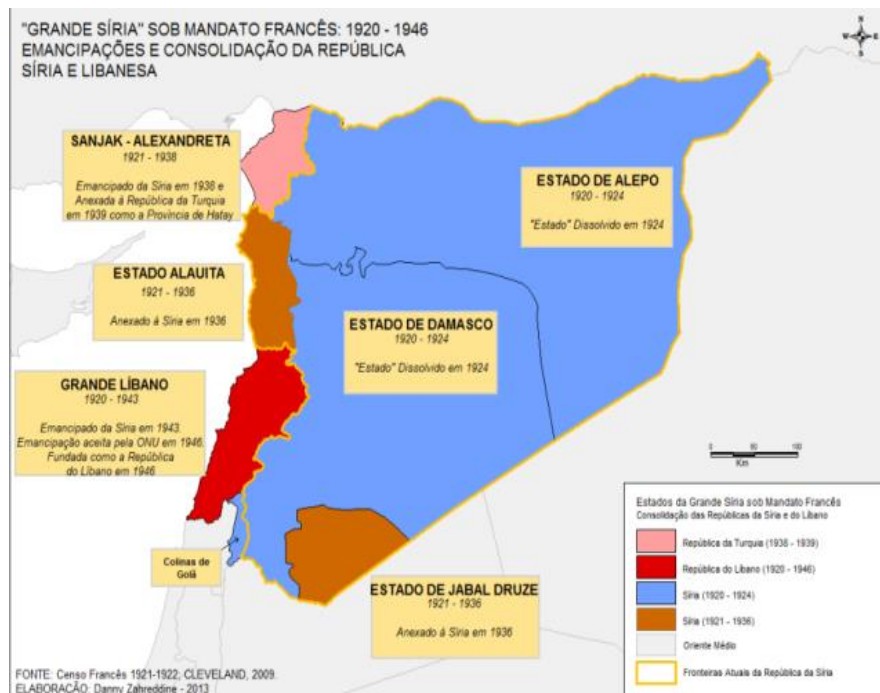
Como podemos observar nos mapas I e II, a divisão política imposta pelos franceses forjou um território altamente fragmentado do ponto de vista étnico-religioso, o que historicamente levou a diversos movimentos separatistas no país, havendo vários processos de emancipação até a consolidação final do território sírio em 1946, quando o país se independentizou da França.

Mapa 1- Composição religiosa das províncias da Grande Síria sob o Mandato Francês, em 1920



Fonte: Censo Francês 1921-1922 (CLEVELAND, 2009). Elaboração de Danny Zahreddine (2013).

Mapa 2 - Emancipações na Grande Síria sob o Mandato Francês, 1920 a 1946



Fonte: Censo Francês 1921-1922 (CLEVELAND, 2009). Elaboração de Danny Zahreddine (2013).

Assim, a estratégia de divisão da Síria em entidades menores e etnicamente homogêneas com vistas a fragilizar sua integridade territorial está em curso há muitas décadas; entretanto, somente sob o escopo da estratégia estadunidense para a região do Oriente Médio que ela chegou ao ponto que se encontra hoje. Historicamente os EUA haviam controlado o Oriente Médio desde 1950 através de representantes indiretos de seus interesses na região – o Irã, após o golpe perpetrado em 1953, e a Arábia Saudita –, assegurando por meio de suas empresas cerca de 60% de controle sobre as reservas de petróleo da região. Após a crise de 1973 e a Revolução Iraniana de 1979, os EUA modificaram a estratégia para a região, passando a fomentar cada vez mais conflitos entre os países da região e intensificando a belicosidade de sua estratégia de dominação (HARVEY, 2004, p. 27).

A Guerra do Golfo permitiu que os EUA aumentassem significativamente sua presença militar no Oriente Médio e que transferissem armas para os seus aliados na região, bem como os ataques terroristas do 11 de setembro permitiram que Bush adotasse uma postura mais abertamente militar e unilateral que a de Clinton. Além disso, a Guerra do Iraque ofereceu aos EUA a possibilidade de redesenhar o mapa do Oriente Médio e tentar influenciar mudanças de governo na Síria e no Irã, após estabelecer em Bagdá um governo pró-estadunidense.

Desta forma, os EUA puderam empunhar sua estratégia de balcanização de forma bem-sucedida no Iraque e na Líbia, expandindo-a para a Síria com vistas à encurralar o Irã e cercar o país por governos inimigos ou, pelo menos, formar países desestabilizados e sem governos centrais capazes de desempenharem propriamente o papel de aliado iraniano contra os interesses estadunidenses na região.

Há, entretanto, uma diferença entre a estratégia estadunidense no Iraque e na Líbia e Síria: a estratégia “*Leading from behind*”³ (em tradução livre, “Liderando por trás”) é uma alusão à participação indireta dos EUA no conflito sírio, através do seu apoio a governos locais que se opõem ao governo Assad, casos de Turquia, Israel e Arábia Saudita. Com a estratégia “Liderando por trás”, nesse momento os EUA balcanizam a Síria, fomentando a repartição do território sírio de acordo com os

³ Termo cunhado publicamente por um conselheiro de Obama em 2011, de acordo com a coluna de Ryan Lizza, em *The New Yorker*.

interesses de seus aliados na região e também seus próprios interesses, e sem desgastar sua imagem perante a comunidade internacional da mesma forma que ocorreu na Guerra do Iraque. Ao contrário, os norte-americanos fortalecem sua pretensa imagem democrática e benevolência na “polícia internacional” ao combater um inimigo do mundo ocidental, o Estado Islâmico.

Em 2007, Seymour M. Hersh⁴ prenunciava em sua coluna no *The New Yorker* uma alteração na estratégia estadunidense para o Oriente Médio:

The new American policy, in its broad outlines, has been discussed publicly. In testimony before the Senate Foreign Relations Committee in January, Secretary of State Condoleezza Rice said that there is 'a new strategic alignment in the Middle East,' separating 'reformers' and 'extremists'; she pointed to the Sunni states as centers of moderation, and said that Iran, Syria, and Hezbollah were 'on the other side of that divide.' (Syria's Sunni majority is dominated by the Alawi sect.) Iran and Syria, she said, 'have made their choice and their choice is to destabilize. (HERSH, 2007, n.d.).

A divisão entre “rebeldes moderados” e “extremistas” é vista por Washington como uma questão secundária diante do propósito maior de destituir o governo Assad e dividir o território sírio em zonas de influência para os apoiadores dos EUA na região. Em linhas gerais, a base da estratégia de balcanização é se apoiar no conflito étnico como um pressuposto para legitimar a “democratização” por meio da fragmentação territorial como a única solução viável para o dito conflito.

A reunificação do território sírio?

Qual o paralelismo entre os caminhos da guerra síria hoje e a divisão política imposta pelos franceses? Como os movimentos das forças envolvidas no conflito sírio reverberam num Estado que foi planejado para ser fragmentado? Mas desde a intervenção direta da Rússia, o conflito sírio e suas disputas territoriais podem ser separados em dois cenários distintos.

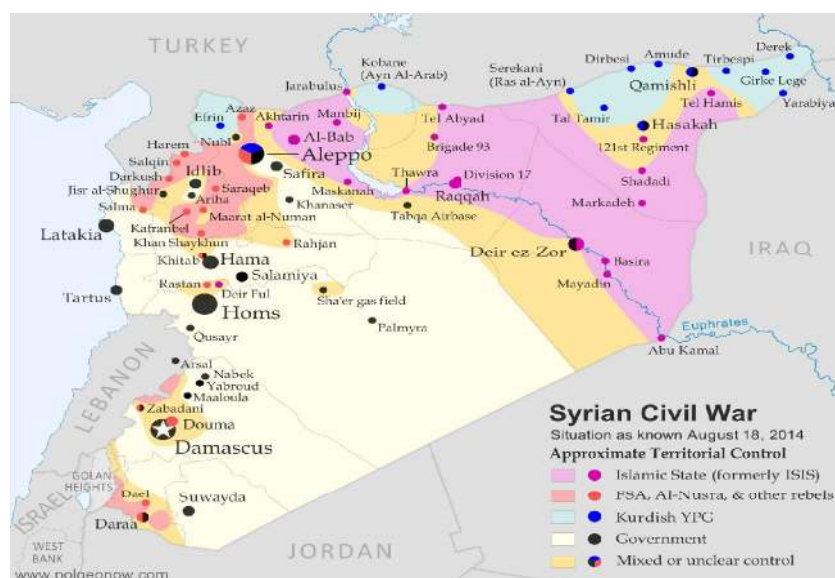
Do início do conflito entre 2011 e 2014, a força governamental síria sofria para se manter em pontos-chave do território, estabelecendo poucos bastiões seguros

⁴ Jornalista investigativo, ganhador do Premio Pulitzer de Reportagem Internacional, e especialista em geopolítica, atividades dos serviços secretos e assuntos militares dos Estados Unidos.

em regiões onde os alauítas, cristãos e xiitas compunham um contingente populacional significativo. No mapa II, observa-se que o antigo Estado Alauíta é uma das poucas regiões em que as forças governamentais eram praticamente hegemônicas, incluindo a costa síria, com importantes cidades como Latakia e Tartus, esta última contendo uma relevante base naval russa que estabelece a única saída para o mar Mediterrâneo, sendo vital para a manutenção da presença marítima da frota naval russa na região.

Homs e Damasco apesar de presença determinante do governo sírio até 2014, se configuravam em palcos dos confrontos contra os insurgentes rebeldes, que até então controlavam parte significativa das províncias de Idlib e Daraa. A parte norte da Síria ou antigo Estado de Aleppo (mapa II) é uma zona de pretensão tanto dos curdos quanto do Estado Islâmico, que avançava da fronteira iraquiana pelo curso do rio Eufrates até a fronteira turca, controlando cidades e aldeias importantes ao longo do caminho, como Raqqah, conformando os contornos étnicos da presença sunita na Síria. O deserto que compõe a região central do seu território facilita as pretensões separatistas dos sunitas e curdos, limitando a presença das forças governamentais a poucos pontos-chave, como Deir ez-Zor, que em 2014 se encontrava cercado pelo Estado Islâmico e isolado pelo deserto que dificultava a chegada de reforços.

Mapa 3 - Controle territorial na Guerra Síria, em 18 de agosto de 2014



Fonte: Political Geography Now <www.polgeonow.com.br> Elaboração de Evan Centanni.

Em 2015 o Estado Islâmico, apesar de perdas consideráveis de território no Iraque e contra os curdos sírios, teve avanços significativos contra o governo sírio, principalmente sobre o deserto sírio-árabe e a cidade de Palmyra e seu entorno⁵, aumentando a pressão contra as forças governamentais e o isolamento de Deir ez-Zor. Até então, o apoio russo era financeiro e no fornecimento de armas ao governo sírio. A partir de setembro de 2015 passa a ocorrer uma intervenção direta das forças armadas russas através de uma série de ataques aéreos contra alvos inimigos do governo de Bashar al-Assad. O rumo do conflito é completamente modificado a partir da intervenção direta russa, ao passo que as severas perdas territoriais sofridas pelo governo sírio para os rebeldes e grupos fundamentalistas, aos poucos começaram a ser revertidas pelas forças armadas sírias em conjunto com a milícia pró-governo NDF e aliados como Hezbollah e Irã. A coalizão pró-governo passa para a ofensiva e o cenário do conflito muda, se antes Bashar al-Assad lutava para não ser deposto, as pretensões a partir do envolvimento direto russo passam a abranger a luta pela retomada do controle do território sírio.

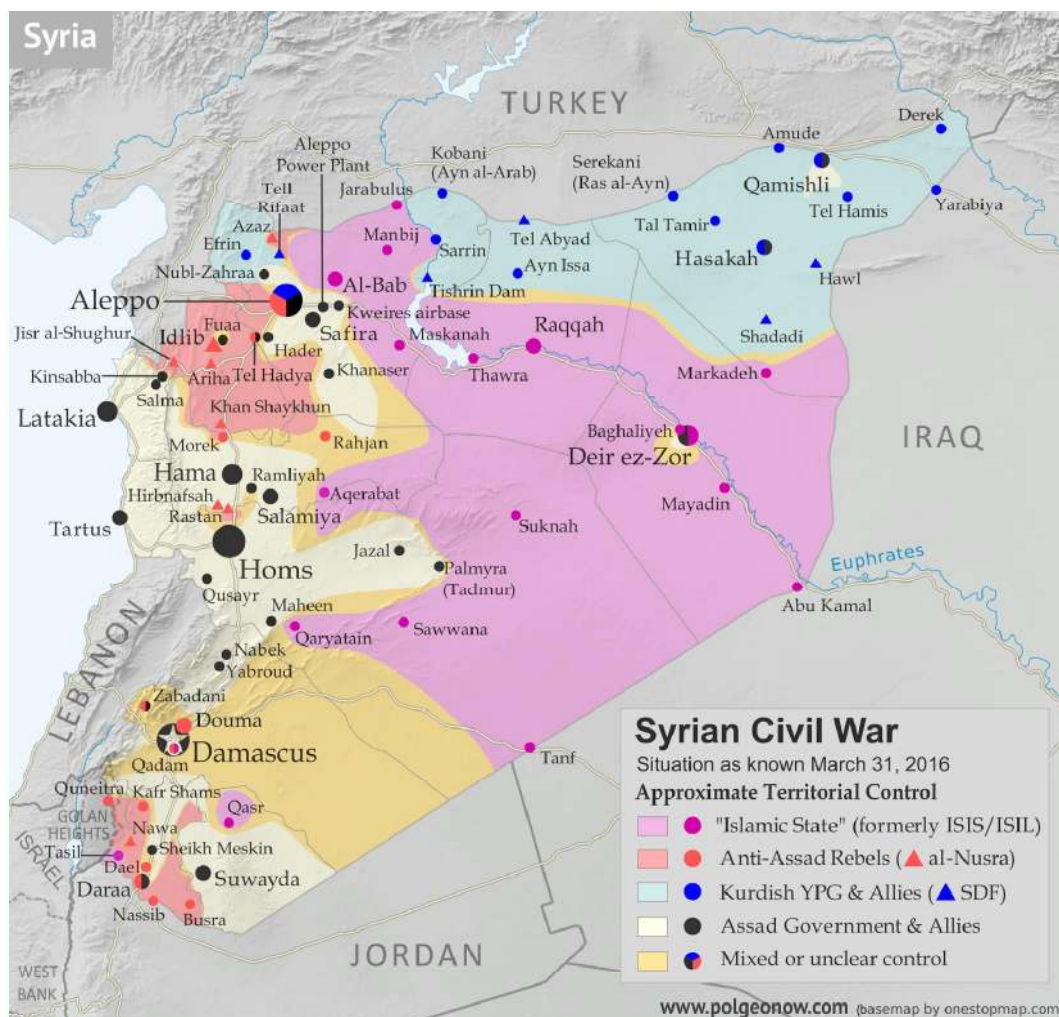
Nos primeiros meses de 2016 já era bastante significativo o avanço do exército sírio. Aleppo e Palmyra se tornam pontos-chave no conflito, sendo as duas cidades estratégicas para a produção energética do país, tendo Palmyra o campo de gás de Shaer e Aleppo uma importante central termoelétrica além de ser uma das maiores cidades sírias em termos populacionais⁶.

A retomada de Palmyra já demonstrou os primeiros sinais de viabilidade da estratégia russa na Síria, que teria como próximo passo a retomada de Aleppo, ainda dividida por diversas facções envolvidas no conflito sírio. Depois de meses de conflitos ao longo de 2016, o exército sírio finalmente retoma Aleppo e reafirma a mudança no rumo do conflito, dando certa margem para o governo sírio nas negociações diplomáticas.

⁵ Fonte: IHS Conflict Monitor, 2015, IHS 1645133. Disponível em: < <http://www.ihs.com/products/conflictmonitor.html>>

⁶ Fonte: *The Washington Institute for Near East Policy*, através de mapa elaborado por Fabrice Balanche e Mary Kalbach da *International Energy Agency*, Dezembro de 2016. Disponível em: < <http://www.washingtoninstitute.org/uploads/Maps/Syria%20Conflict/Syria-Energy-HiRes.pdf>>

Mapa 4 - Controle territorial na Guerra Síria, em 31 de março de 2016

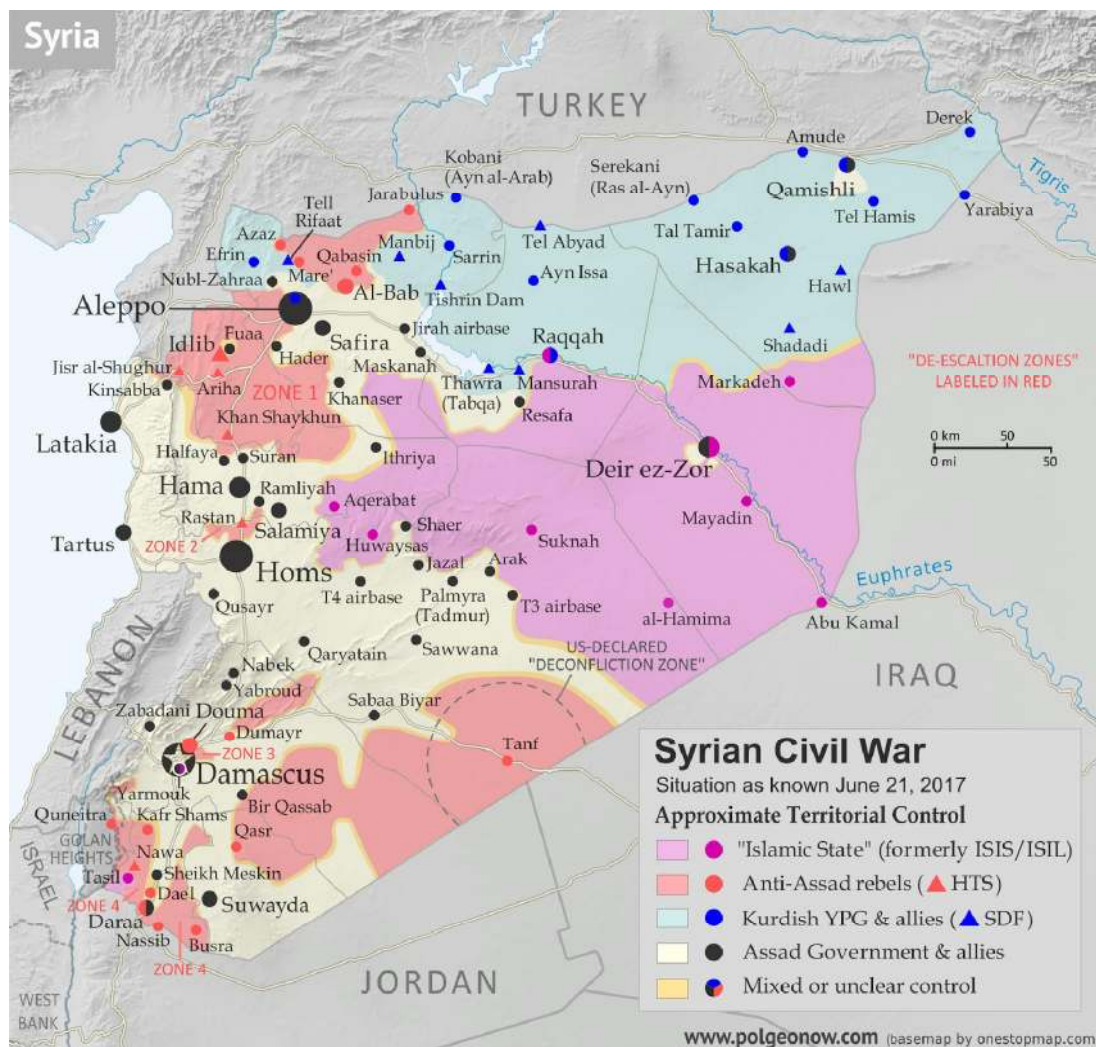


Fonte: Political Geography Now <www.polgeonow.com.br> Elaboração de Evan Centanni e Djordje Djukic.

A estratégia síria depois de assegurar Palmyra e Aleppo muda para a reafirmação das fronteiras nacionais. Mas o avanço do exército sírio contra os rebeldes – que se encontram encurralados e pulverizados em bolsões pelo território sírio – se tornaram modestos, diante do imperativo da luta contra os curdos, que avançam contra o Estado Islâmico em Raqqah. O objetivo de Assad era impedir a formação de um Estado curdo independente ou ao menos minar seus avanços territoriais. Então, o governo sírio concentra seus avanços sobre as províncias de Aleppo em direção ao sul de Raqqah, em busca de alcançar Deir ez-Zor e barrar o avanço curdo na região. Também Palmyra é outro importante *front* nessa estratégia,

pelo acesso estratégico ao deserto, a fronteira iraquiana e mais uma rota para Deir ez-Zor.

Mapa 5- Controle territorial na Guerra Síria, em 21 de junho de 2017



Fonte: Political Geography Now <www.polgeonow.com.br> Elaboração de Evan Centanni e Djordje Djukic.

Até o momento, o desenho territorial do conflito não dá sinais de uma solução rápida ou de uma completa vitória da coalizão pró-governo, porém, conforma um importante golpe contra a estratégia estadunidense para a Síria. Os curdos, até então oficialmente aliados do governo sírio mas ao mesmo tempo apoiados pela coalizão ocidental, representam a incógnita mais crucial do conflito. A região geocultural do Grande Curdistão acaba se tornando um dos mais importantes entraves para as negociações de paz, e um novo Estado-nação pode surgir a partir

do epicentro da fragmentação da parte norte do território sírio, ou pelo menos, já se conforma como uma região autônoma do governo central sírio. Logo, a fragmentação territorial do Estado sírio se apresentaria inevitável nesse cenário, ainda que dificilmente represente uma completa dissolução territorial. O governo sírio luta contra sua dissolução e pela retomada da unidade territorial, o que evidentemente passa pela luta contra os rebeldes dito “moderados” e os fundamentalistas como o Estado Islâmico, que rapidamente vem declinando.

Considerações finais

Há no conflito sírio a convergência das disputas de poder entre as potências regionais do Oriente Médio (Irã, Arábia Saudita, Turquia) com as disputas de poder entre as potências mundiais (EUA e Rússia). Essa convergência decorre de uma arena marcada por conflitos étnicos e territoriais historicamente exploradas pela interferência ocidental. O contexto do conflito é, portanto, muito mais complexo e intrincado que um conflito civil interno; trata-se de um conflito marcado pela participação de forças externas ao território sírio em busca da fragmentação deste último, e do embate dessas forças com o governo sírio e seus aliados em busca da manutenção da integridade territorial síria.

A estratégia perpetrada pelo Ocidente teve êxito durante os primeiros anos do conflito, quando o território sírio parecia, a cada avanço dos rebeldes e do Estado Islâmico, estar cada vez mais à beira da inevitável dissolução. Porém, conforme pode ser observado através dos mapas mais recentes do conflito, a estratégia de Assad com o apoio da Rússia e do Irã tem angariado resultados até então inesperados na guerra. Aparentemente, caminhamos para um desfecho no qual a maior parte do território sírio será mantido sob o controle do governo central de Damasco, e os interesses de Assad e de seus aliados regionais serão em certa medida preservados no Oriente Médio.

Referências

ANDERSON, Perry. **A política externa norte-americana e seus teóricos**. São Paulo: Boitempo, 2015.

BONFIM, Uraci Castro. **Curso de política, estratégia e alta administração do exército (CPEAEx/EAD)**. Rio de Janeiro: Escola de comando e Estado-Maior do Exército, 2005.

CAFARELLA, Jennifer; KAGAN, Kimberly; KAGAN, Frederick W. **America's way ahead in Syria**. Institute for the Study of War, and Critical Threats Project. U.S. Grand Strategy: Destroying ISIS and al Qaeda, Report Four. Março de 2017. Disponível em: <<http://www.understandingwar.org/wp-content/uploads/2017/ISW-CTP-Report-on-US-Strategy-in-Syria.pdf>>. Acesso em: 20/07/2017.

CLEVELAND, William L.; BUNTON, Martin. **A History of the Modern Middle East**. Philadelphia: West View Press, 2009.

COSTA, Wanderley Messias da. **Geografia Política e Geopolítica**: discursos sobre o território e o poder. São Paulo: Hucitec; Edusp, 1992.

HARVEY, David. **O Novo Imperialismo**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

HERSH, Seymour M. **The redirection**. The New Yorker, 5 de março de 2007. Disponível em: <<http://www.newyorker.com/magazine/2007/03/05/the-redirection>>. Acesso em: 22/07/2017.

KAPLAN, Robert. **A vingança da geografia**: a construção do mundo geopolítico a partir da perspectiva geográfica. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

LIZZA, Ryan. **The consequentialist**. The New Yorker, 2 de maio de 2011. Disponível em: <<http://www.newyorker.com/magazine/2011/05/02/the-consequentialist>>. Acesso em: 22/07/2017.

LEAL, Pablo J. **Netanyahu y su confesión**: balcanizar Siria. Rebelión, 28 de janeiro de 2016. Disponível em: <<http://www2.rebelion.org/noticia.php?id=208275>>. Acesso em: 22/07/2017.

MELLO, Leonel Itaussu Almeida. **Quem tem medo da geopolítica?** São Paulo: Hucitec; Edusp, 1999.

ROCHA, Dyego Freitas; ALBUQUERQUE, Edu Silvestre de. **Revisando o conceito de Heartland na Política de Contenção Ocidental do séc. XXI**. Revista de Geopolítica, Natal, v. 5, nº 1, p. 1-14, jan./jun. 2014.

RODRIGUES, Bernardo Salgado. A atualidade geopolítica de Spykman: política de contenção, equilíbrio de poder e disputa territorial. Diálogos Internacionais, 10 de abril de 2017. Disponível em: <<http://www.dialogosinternacionais.com.br/2017/04/a-atualidade-geopolitica-de-spykman.html>>. Acesso em: 24/07/2017.

TABAK, Bernardo. Pedacos do que já foi um país. O Globo, 7 de março de 2016. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/siria-vive-temor-da-fragmentacao-18807921>>. Acesso em: 20/07/2017.

TOSTA, Octavio. **Teorias geopolíticas**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1984.

YOUSAF, Farooq. **Sectarian divide: The modern warfare**. The Faultlines, 7 de setembro de 2012. Disponível em: <<http://www.institutojoaogoulart.org.br/noticia.php?id=6630>>. Acesso em: 20/07/2017.

ZAHREDDINE, Danny. Crise na Síria (2011-2013): uma análise multifatorial. **Revista Conjuntura Austral**. Vol. 4, nº. 20. Out. Nov. 2013. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/ConjunturaAustral/article/view/43387/27333>>. Acesso em: 20/07/17.

Submetido em 2017-09-12.

Publicado em 2018-01-09.